

06/13/98
291 10

AMAZÔNIA AMEAÇADA: Corte predatório e clandestino de árvores estimula o desperdício e contribui para aumentar a poluição

Marcelo Sayão



UMA DAS CEM SERRARIAS de Alta Floresta, no Norte do Mato Grosso, queima restos inaproveitáveis de madeira em pleno perímetro urbano, produzindo rolos de fumaça capazes de prejudicar a população local e até mesmo a aviação

Os caldeirões que transformam florestas em fumaça

Ao mesmo tempo em que dão emprego, serrarias e carvoarias tornam o ar irrespirável nos grandes pólos madeiros

Chico Otavio e Vannildo Mendes

● PARAGOMINAS (PA) e ALTA FLORESTA (MT). Uma névoa seca permanente paira no céu de Paragominas, o maior pólo madeiro da Amazônia, a 320 quilômetros de Belém do Pará. A cidade, uma das mais quentes do estado, arde com a fumaça produzida pelas mais de 200 serrarias e 600 carvoarias que a cercam. A atividade madeira emprega 80% da mão-de-obra — inclusive a de crianças e adolescentes.

São 238 as madeiras cadastradas — fora as clandestinas — trabalhando dia e noite. Na época mais seca do ano, entre julho e dezembro, a fumaça das serrarias e carvoarias junta-se à das queimadas, pondo até a aviação em risco. Os incêndios proliferam, seja para a renovação do pasto; para a preparação do solo para o plantio após a derrubada das árvores; ou pelo fogo espontâneo que surge no rastro das estradas abertas pelos tratores e que se alastra mata adentro.

Os índices de poluição chegam ao ponto de obrigar o prefeito Sidney Rosa, dono de madeira, a expulsar as carvoarias do perímetro urbano. Elas estão sendo transferidas para uma área particular, requisitada pela prefeitura em sistema de comodato por 12 anos, para abrigar seus fornos e aceiros (buracos cavados na terra para queimar a madeira que sobra das serrarias e transformá-la em carvão).

Pólo madeiro começou com grandes projetos agrícolas

Filha da abertura da Rodovia Belém-Brasília, no fim dos anos 60, Paragominas começou a ser colonizada pela "pata do boi", com a fixação de grandes projetos agropecuários. Desde então começaram a chegar os primeiros núcleos de camponeses, pela rodovia e pelos rios Capim e Gurupi, cujas margens foram as primeiras a serem devastadas.

Embora mais jovem, Alta Floresta (MT), a 800 quilômetros de Cuiabá, está indo pelo mesmo caminho. Fundada há 21 anos, a cidade — importante pólo madeiro do Mato Grosso — já pode ser identificada, durante uma viagem de avião, pelos rolos de fu-

maça produzidos pela queima de montanhas de serragem. Como Paragominas, a cidade nasceu da agricultura, viveu a febre do ouro e agora está entrando na atividade madeira. Há hoje cem serrarias instaladas em Alta Floresta. Outras 15 estão chegando. O pólo produz 18 mil metros cúbicos de madeira beneficiada por mês.

Nem extração autorizada pelo Ibama evita desperdício

Segundo o chefe do Serviço de Segurança do Trabalho e Saúde da Delegacia Regional do Trabalho do Pará, Paulo Afonso Monteiro, os problemas de saúde causados pela inalação de fumaça são inevitáveis a longo prazo. Entre eles, uma doença pulmonar chamada pneumoconiose. Os fiscais que periodicamente vistoriam as serrarias e carvoarias de Paragominas relatam que os trabalhadores se queixam de ardência nos olhos e, alguns, de dificuldade para respirar. Os moradores em geral sofrem frequentemente de infecção respiratória aguda, bronquite e infecções de pele.

O desperdício é outro fator que contribui para a poluição. Como 80% da madeira que alimenta as serrarias são de origem clandestina, extraídas de locais sem manejo (extração autorizada) nem técnicas apropriadas, de cada três árvores derrubadas uma é

OPINIÃO

AUMENTA O APETITE

● UM PROBLEMA com a gravidade e a extensão da derrubada indiscriminada e ilegal de árvores na Amazônia tem de ser produto de uma soma de causas.

MAS UMA delas, a falta de recursos do Ibama, é especialmente sintomática. O orçamento do instituto está em queda há cinco anos, e foi nesse período que se intensificou a presença de madeiras asiáticas na região. É pior do que estar per-

dendo a guerra contra o mercado negro: o Ibama está sendo forçado a abandonar o campo de batalha.

ISSO AUMENTA o número e o apetite dos financiadores da devastação das florestas. É o próprio Diário Oficial, com os números do Orçamento da União, que lhes fornece a notícia do decrescente empenho oficial na proteção do patrimônio natural do país.

esquecida na mata porque o trator não a encontra, já que não é feito o mapeamento prévio da área explorada.

Mesmo em áreas de manejo, há casos flagrantes de desperdício. Por um simples erro de cálculo, o operador de motosserra Arnaldo Soares de Oliveira causou um estrago imenso numa área explorada pela Madeira Rosa, de propriedade do prefeito. Uma maçaranduba de 30 metros de altura e 40 centímetros de diâmetro tomou para o lado errado, onde os cipós não estavam podados, levando com ela cerca de 25 espé-

cies. A árvore sofreu rachaduras e seu aproveitamento na serraria ficou prejudicado. Arnaldo, de 47 anos, tem mais de 20 de profissão e se orgulha de já ter atingido a marca de 25 a 30 árvores derrubadas por dia.

— Já estou calejado de tanto derrubar árvore. Só sei fazer isso. Aprendi a não ficar com peso na consciência. Às vezes me dá uma dor no peito, mas lembro que tenho uma família para sustentar e esqueço — diz.

O administrador da madeireira, o pastor evangélico Ricardo Gonçalves Gripp, também não

sente remorso ao ver uma maçaranduba tombar:

— Sou um pastor, defendo valores éticos, mas aprendi a não ter pudores com certas coisas, como ficar abalado com a derrubada de uma árvore.

A acumulação de atividades tão distintas tampouco o incomoda:

— Lá na igreja eu rezo pedindo emprego para os fiéis. Aqui eu demito. Procuo não misturar as coisas — diz o pastor, no pátio da madeireira.

De cada 10 metros cúbicos de toras, só 4 são aproveitados

Nas serrarias de Paragominas, o desperdício continua. De cada dez metros cúbicos de toras processadas, seis são desperdiçados e apenas quatro viram lâminas comercializáveis. A imensa quantidade de pó de serra é queimada. Em quase todo mundo, esse material é transformado em pelotas de carvão, agregando valor.

Como a devastação das reservas florestais avança cerca de dez quilômetros por ano mata adentro, a partir das rodovias, e outros dez quilômetros a partir das estradas secundárias, as empresas estão extraindo madeira a 150 quilômetros de distância, o que eleva os custos da produção e faz o pólo de Paragominas perder gradualmente competitividade dentro e fora do país. A madeira

tropical produzida pela Malásia — o maior produtor mundial — custa 20% menos em média. Para a alegria dos ambientalistas, a produção de Paragominas começou a cair este ano, mas as consequências estão longe de deixar de ser nefastas. Só a Madeireira Rosa demitiu cem dos 600 empregados em fevereiro. Em todo o município foram demitidos mais de 500 trabalhadores desde o ano passado. O salário de quem ficou também está deteriorado e as condições de trabalho pioraram.

O Pará tem 15 pólos madeiros, envolvendo duas mil serrarias. Mas os três principais — Paragominas, Marabá e Tailândia, todos no Leste do estado — concentram mais da metade da produção. A cobertura florestal original envolve hoje apenas 70% do estado devido ao avanço do desmatamento. Dos 600 mil quilômetros quadrados devastados na Amazônia, mais de 50% estão em território paraense, o menos protegido por legislação. As exportações de laminados de madeira somaram US\$ 400 milhões em 97, segundo levantamento da Associação dos Exportadores de Madeira do Pará (Aimex). O setor emprega 200 mil trabalhadores diretos e indiretos no estado e movimentou uma economia de R\$ 1,6 bilhão por ano, quase 90% dentro do país.

Preocupado com a extinção crescente da matéria-prima das serrarias, o prefeito de Paragominas encampou um projeto voltado para a exploração sustentável do que restou de floresta e a recuperação de espaços degradados. O projeto tem um viveiro que já começou a produzir um milhão de mudas de madeira de lei e de árvores frutíferas por ano para reflorestamento. Certo, porém, de que boa parte da área devastada é irreversível. Sidney Rosa está introduzindo a cultura da soja, que pode significar, de um lado, o progresso econômico e, de outro, a mais grave ameaça ao ecossistema da região. Com esse projeto o prefeito espera alavancar um novo modelo de desenvolvimento para a cidade.

— A idéia é sair do extrativismo para a diversificação econômica, deixando a madeira num plano secundário — diz Rosa. ■

Pesadelos urbanos no interior do Amazonas

Guerra de 'galeras' e desemprego atormentam a população de Itacoatiara

● ITACOATIARA (AM). A poluição não é o único mal urbano que atormenta as populações dos grandes pólos madeiros da Amazônia. Em Itacoatiara, município de 65 mil habitantes e o principal pólo madeiro do Amazonas, a 270 quilômetros de Manaus, o maior problema hoje é a violência de gangues, impelida pelo desemprego. Desde que a fiscalização do Ibama começou a apertar as serrarias da cidade, que abasteciam seus pátios com madeiras extraídas clandestinamente da floresta, a produção de laminados e compensados começou a cair. Com ela, caiu a taxa de empregos. A presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Empresas Madeiras, Maria Eneida Rodrigues Maia, contabiliza 60 demissões em janeiro deste ano, 10% dos sindicalizados.

O clima de cidade do interior foi quebrado pela guerra de "galeras": bandos de jovens sem ocupação se encontram nos fins de semana para brigar. Por esse motivo, a chegada de madeiras asiáticas, mesmo com os danos que possam causar na floresta, é bem-

vinda. Significam a perspectiva de mais emprego.

Fernando Lüdke, gerente florestal da maior empresa de compensados de Itacoatiara, a Gethal Amazonas, se queixa do Ibama, que estaria tratando os empresários como marginais. Segundo ele, o faturamento da empresa, em torno de R\$ 20 milhões, deve cair este ano para R\$ 15 milhões por falta de matéria-prima, o que deverá provocar mais desemprego na Gethal. Somente no ano passado a empresa demitiu 500 empregados.

O delegado de Itacoatiara, tenente Ayrton Norte, conta que a carceragem está lotada com 33 presos, 12 deles por tráfico de drogas e dois por homicídio. No mês passado um rapaz de 17 anos teve a mão decepada durante uma briga de "galeras".

— Eles usam facões e terçados. Fecham as ruas e agridem as pessoas gratuitamente — diz o delegado, que mobiliza até 70 policiais nos fins de semana, pedindo reforço a outras delegacias da região, para evitar novos confrontos.